

6

A constituição de etno-espços makonde na cidade de Nampula

Introdução

A constituição de etno-espços, isto é, áreas habitadas maioritariamente por grupos étnicos específicos, dentro das cidades é uma realidade observável em algumas cidades de Moçambique, da África e do mundo em geral. Embora seja difícil determinar os marcos temporais do surgimento dos etno-espços em Moçambique, eles representam um dos aspectos importantes no estudo das cidades que permitem compreender os diversos contextos da produção do espaço urbano. As razões que explicam o surgimento dos etno-espços nas cidades são várias. A sua morfologia varia ao longo do tempo e, porque é influenciada por diversos factores, o seu entendimento requer uma análise diacrónica e multidisciplinar.

Os estudos existentes sobre as cidades têm privilegiado bastante a dimensão físico-ambiental da cidade, deixando de lado o conjunto das relações sociais que ocorrem no meio urbano, pois a cidade não é apenas um receptáculo geo-físico, mas, pelo contrário, ela é, em grande medida, produtora de conteúdos variáveis em função das mais diversas relações sociais: "a cidade só existe enquanto relação entre diferentes grupos que interagem num dado sistema produtivo construindo sistemas simbólicos". (Amaral 1992).

Os primeiros estudos sobre cidades, partindo de descrições sobre o modo de vida, mostram como a cidade era considerada um elemento independente, ou seja, que surge por si mesmo e com existência em si, capaz de influenciar e transformar em grande medida os vários domínios da vida social. Como tal,

[...] o estabelecimento das cidades implica o surgimento de uma nova cultura, caracterizada por papéis [sociais] altamente fragmentados, predominância

de contactos secundários sobre os primários, isolamento, superficialidade, anonimato, relações sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social directo, diversidade e fugacidade dos envolvimento sociais, afrouxamento nos laços de família e competição individualista. (Wirth 1987).

Em oposição, a existência de fortes laços de parentesco, relações sociais duráveis, grande controle social directo, comunhão ou partilha, etc. seriam aspectos considerados peculiares ao meio rural e que, necessariamente, não existiriam nas cidades, uma vez que esta se encarregaria de os destruir. As características citadas colocam a cidade como um meio completamente fechado e isolado em que se desenvolve um modo de vida completamente oposto ao do meio rural, negando a ocorrência de influências inter-espaciais, donde a constituição de etno-espacos seria um dos resultados.

A etnia como categoria central

Actualmente, os debates conceptuais sobre “etnia” têm sido carregados de conotações ideológicas que vinculam o conceito às noções de tribalismo e racismo. O conceito de “etnia” foi durante muito tempo usado, na Antropologia, para distinguir as sociedades ditas primitivas (constituídas por etnias e tribos) das ditas civilizadas ou desenvolvidas (formadas por nações). As várias definições de “etnia” enquadram-se em duas perspectivas principais: a essencialista e a construtivista ou construcionista.

Segundo a perspectiva essencialista – aquela que faz apelo a um conjunto de traços ou aspectos tais como crenças, valores, costumes, nome, língua, etc., considerados naturais ou intrínsecos a determinado grupo de indivíduos - o termo “etnia” define “um grupo biológico e culturalmente homogéneo, grupo de homens com os mesmos costumes ou unidos por uma língua materna comum.”¹ Ou ainda, segundo Mercier, a etnia é um conjunto fechado, descendendo de um antepassado comum ou mais, geralmente tendo uma mesma origem, possuindo uma cultura homogénea e falando língua comum, é igualmente uma unidade política (Amselle 1985:4). Desse modo, a etnia é caracterizada por possuir um território comum, uma tradição de descendência comum, língua comum e um nome comum, - elementos que formam a base da união de grupos mais pequenos como aldeias, bandos, distritos, linhagens. (Amselle 1985:5).

Em oposição à perspectiva essencialista, a abordagem construtivista ou construcionista analisa a “etnia” como um processo social, que se constrói a partir de situações históricas, espaciais e contextuais concretas e não como algo

biológico e natural e, por isso, essencialista. A partir desta perspectiva, Weber refere que “os indivíduos de uma etnia alimentam uma crença subjectiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunicação, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objectivamente.” (Weber 1971:416; Amselle 1985:37).

Barth aponta quatro aspectos organizacionais que estariam na base da formação de grupos étnicos: a) uma grande autonomia de reprodução biológica, b) partilha de valores culturais fundamentais que se actualizam em formas culturais possuindo uma unidade patente, c) constituição de um campo de comunicação e de interacção, d) um modo de pertença que o distingue dos outros, constituindo uma categoria distinta de outros do mesmo género. Portanto, a existência ou não de uma língua, costumes, valores, nome comum, etc. não podem ser vistos como sendo determinantes para a categorização da etnia, pois estes são aspectos construídos pelos indivíduos de acordo com situações contextuais concretas e, por isso, manipuláveis pelos indivíduos e de acordo com interesses ou objectivos concretos e específicos de determinado momento.

Contudo, as duas perspectivas são complementares e não mutuamente exclusivas, uma vez que a etnia resulta de um processo de construção social concreto, onde inconscientemente o indivíduo pode apelar à cultura, descendência, passado, língua comum etc., e conscientemente pode aceitar e evocar tais aspectos em determinado contexto, mesmo que eles não existam.

A etnia makonde

Os makondes são um povo Bantu da África Oriental. Em Moçambique eles habitam o planalto de Mueda, na província de Cabo Delgado. Outras fracções deste povo habitam em dois planaltos na Tanzânia. Os makondes dedicavam-se, antes da colonização portuguesa, principalmente à agricultura e escultura e são apreciados, até hoje, pelas suas belas máscaras e esculturas de madeira (pau-preto), as quais reflectem a sua estética e cultura. As preocupações estéticas dos makondes podem ser observadas, também, na arquitectura das aldeias e caminhos de acesso construídos com cuidado estético. As dificuldades de acesso ao planalto de Mueda, ao norte de Moçambique, contribuíram, de certa forma, para o isolamento dos makondes. No entanto, essa localização fortaleceu a sua coesão cultural que, apesar das interferências da dominação portuguesa, resistiu em vários aspectos.

Aliadas às práticas estéticas dos makondes, referem-se os desenhos de tatuagens ou escarificações da pele - no rosto, nos seios, no peito e no baixo ventre -, assim como mutilações dentárias - que consistia em quebrar as pontas dos dentes, conferindo-lhes uma forma pontiaguda - e a perfuração dos lábios - prática mais frequente entre as mulheres - que permitiam e permitem identificações inter e intra-étnicas (Dias, 1964: 72).

Entre os makondes, tal como outros povos, dá-se muita importância aos ritos de iniciação masculina (*likumbi*) e feminina (*mwali*) - rituais cuja importância atribuída fundamenta-se no facto de simbolizar a passagem de rapazes e raparigas para o estatuto de membros adultos da comunidade. O ritual masculino está ligado a uma dança importante onde são usadas máscaras, o Mapico. É uma dança que constitui o centro das festas tradicionais em que são realizadas as cerimónias de iniciação.

A iniciação é um processo que visa essencialmente preparar os rapazes e raparigas para a vida adulta, ou seja, conjugal, para além de os introduzir como membros, de facto, do seu grupo.

Apesar das descrições feitas sobre o povo makonde, deve-se referir que nos últimos anos ocorrem profundas alterações económicas e sociais que induziram profundas transformações na sociedade moçambicana, em geral, e no povo makonde, em particular.

O casamento dentro do grupo makonde, ou seja, entre os seus membros masculinos e femininos é algo bastante valorizado e perseguido dentro desta etnia, sendo um dos valores difundidos nos ritos de iniciação.

A explicação para tal facto está na crença existente entre os makondes de que eles constituem um povo muito trabalhador (tanto homens e mulheres) e capazes de enfrentar com facilidade situações adversas, contrariamente aos restantes povos. Tendo em conta as vicissitudes da vida urbana e a localização num meio que não seja originalmente o seu, isso faz com que tanto os homens e mulheres makondes casem com indivíduos de outras etnias tais como macuas, entre outros.

Os etno-espacos makonde na cidade de Nampula

Depois da Independência de Moçambique, em 1975, as políticas nacionais baseavam-se na ideologia da unidade nacional que preconizava o combate às diversas formas de segregação e exclusão social: tribalismo, racismo, regionalismo, entre outras. Nessa perspectiva, o Estado dinamizava a afectação de funcionários de modo a assegurar a almejada unidade nacional. É a partir daí que muitos funcionários foram enquadrados em regiões ou províncias do país diferentes das suas áreas de origem e, em alguns casos, em grupos sociais (étnicos) diferentes dos de origem.

No quadro das políticas de unidade nacional, vários indivíduos originários da etnia makonde dos diversos sectores sócio-económicos (saúde, educação e, principalmente, da defesa e segurança) foram sistematicamente deslocados e enquadrados nas várias províncias que constituem o país.

Na cidade de Nampula, a presença de indivíduos da etnia makonde torna-se intensa com a afectação de militares originários da província de Cabo Delgado nos sectores de defesa e segurança da província de Nampula. Esta dinâmica, aliada ao facto de a cidade ter a sua origem ligada à função militar, e porque contém um Bairro Militar na sua divisão administrativa, contribuiu significativamente para a fixação dos makondes na cidade de Nampula.

Em 1975 havia cerca de 48 moradias e 4 prédios de 2 andares habitados maioritariamente por indivíduos da etnia makonde² no Bairro Militar, na cidade de Nampula. A fixação num território diferente do de origem não impediu que os makondes abandonassem as suas práticas sócio-culturais e formas de reprodução étnica. O que sucede é que as suas manifestações culturais e estéticas vão se operar dentro do espaço novo, alterando temporariamente os usos do espaço. Deste modo, os ritos de iniciação, realizados dentro do espaço urbano, passam a ser um incremento para as actividades festivas da cidade, embora preservando o secretismo de momentos específicos dos rituais. Assim, apesar das interações sociais que ocorrem com outros grupos étnicos, os ritos de iniciação e, conseqüentemente, a dança Mapico asseguram a sua importância social fundamental de integrar os indivíduos na comunidade e, também, de afirmação da identidade étnica.

Actualmente, os makondes – constituídos por militares no activo, antigos militares e novos imigrantes - fixaram-se também em outros bairros da cidade de Nampula (ex. Muahivire, Muhala-expansão, Carrupeia) onde se encontram sujeitos às vicissitudes impostas pela vida urbana, à semelhança de outros grupos étnicos, mas mantendo os hábitos e costumes sócio-culturais que os identificam social e espacialmente.

Conclusão

A constituição de etno-espacos em contexto urbano é um processo complexo e multi-causal, cuja explicação não pode ser simplista, uma vez que vários factores concorrem para o seu aparecimento, dentre eles a necessidade de os indivíduos se afirmarem numa comunidade coesa para, a partir daí, desenvolverem diversas formas de sociabilidade.

O Bairro Militar na cidade de Nampula pode ser considerado um etno-espaco representativo, na medida em que é habitado, na sua maioria, por indivíduos da etnia makonde que, apesar de se encontrarem num meio diferente do originário,

mantêm de alguma forma as suas práticas sócio-culturais identitárias: os ritos de iniciação, aliados à dança Mapico, que permitem identificar o grupo étnico, social e espacialmente, nos diferentes bairros da cidade de Nampula.

Notas de referência

- 1 Segundo a *Enciclopédia Verbo*, In: <http://enciclopediaverbo.clix.pt/cgi-bin/consulta.cgi>
- 2 Da entrevista com o secretário do Bairro Militar.

Bibliografia

- Amselle; J-L., 1985, *Ethnies et Espace: pour une Anthropologie Topologique*, Paris: La Découvert.
- Basham; R., 1978, *Urban Anthropology: The Cross-Cultural Study of Complex Societies*, Palo Alto: Mayfield Publishing Company.
- Canclini; N. G., 1997, "Culturas Urbanas de Fin de Siglo: La Mirada Antropológica", In: *Revista Internacional de Ciências Sociais* 153.
- Comando Naval Moçambique, 1969, *Moçambique: Agrupamentos Étnicos. Aspectos do Estudo do Meio Humano*, Lourenço Marques: Empresa Moderna Sarl.
- Dias; J.; Margot, D., 1964, *Os Macondes de Moçambique: Cultura Material*, Vol.2, Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar/Centro de Estudos de Antropologia Cultural.
- Mitchell C., *The Concept and Use of Social Network: Social Network in Urban Situations-Analyses of Personal Relationships in Central African Towns*, Manchester: University Press.
- Poutignat, Ph., 1997, *Teorias da Etnicidade Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras*, São Paulo: Fundação Unesp.
- Serra, C., 2003 "Em cima de Uma Lâmina: Um estudo sobre a Precaridade Social em Três cidades de Moçambique", Maputo: Imprensa Universitária.
- http://aguafortes.com/antropologia/os_urbanitas
- <http://enciclopediaverbo.clix.pt/cgi-bin/consulta.cgi>
- <http://br.geocites.com/pembaportoamelia/makonde.htm>